Revista Diversidade e Educação

ENTRE CADEIRAS, SALAS E RIOS: POR UMA DOCÊNCIA SAPATÃO FEMINISTA EM ARTE E CRIAÇÃO DE MUNDOS POSSÍVEIS

ENTRE SILLAS, SALAS Y RÍOS: POR UNA DOCENCIA SAPATÃO FEMINISTA EN ARTE Y CREACIÓN DE MUNDOS POSIBLES

BETWEEN CHAIRS, ROOMS, AND RIVERS: FOR A SAPATÃO FEMINIST TEACHING IN ART AND THE CREATION OF POSSIBLE WORLDS

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)[1]

Zuleide Paiva da Silva[2]

RESUMO

Do lado de fora-dentro, a universidade já se anuncia como dispositivo de promessas e violências. Esse canta-conto surge desse limiar, apresentando à docência sapatão feminista como gesto-movimento de criação de mundos possíveis. Objetiva conversar, a partir dos contos "A cadeira sempre parece menor quando me sento" e "A sala nunca é a mesma", sobre as invenções, tensões e possibilidades de uma docência sapatão feminista. Em fios de corpopoesia, a escritavida não descreve caminhos: ela mesma é caminho-movimento, método que se move entre narrativas-vivas, contos e reflexões encarnadas. Nos fragmentos, emergem cenas em que o lesbo-ódio, a lesbofobia internalizada, o medo e a tentativa de apagamento operam como pedagogias silenciosas. Nas brechas, também se inventam resistências: gestos mínimos, recusas, presenças-rentes que desorganizam a norma. Assim, a docência sapatão aparece como prática que, ao existir, desloca os contornos do saber e faz da universidade um território em disputa, criação e continuidade.

PALAVRAS-CHAVE: Docência sapatão. Corpopoesia. Lesbo-ódio. Universidade.

[1] Mestra em Educação e Diversidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, Conceição do Coité-BA. Salvador, Bahia, Brasil.

[2] Doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), Campus XIV, Conceição do Coité-BA. Salvador, Bahia, Brasil.

RESUMEN[3]
Desde el afuera-adentro, la universidad ya se anuncia como dispositivo de promesas y violencias. Este canta-cuento surge de ese umbral, presentando la docencia sapatão feminista como gesto-movimiento de creación de mundos posibles. Busca conversar, a partir de los cuentos "La silla siempre parece más pequeña cuando me siento" y "La sala nunca es la misma", sobre las invenciones, tensiones y posibilidades de una docencia sapatão feminista. En hilos de corpopoesía, la escrituravida no describe caminos: ella misma es camino-movimiento, método que se desplaza entre narrativas-vivas, cuentos y reflexiones encarnadas. En los fragmentos, emergen escenas en las que el lesbo-odio, la lesbofobia internalizada, el miedo y la tentativa de borramiento operan como pedagogías silenciosas. En las grietas, también se inventan resistencias: gestos mínimos, rechazos, presencias-rientes que desorganizan la norma. Así, la docencia sapatão aparece como práctica que, al existir, desplaza los contornos del saber y hace de la universidad un territorio en disputa, creación y continuidad.
PALABRAS-CLAVE: Docencia sapatão. Corpopoesía. Lesbo-odio. Universidad.

ABSTRACT
From the outside-inside, the university already announces itself as a dispositif of promises and violences. This sing-tale emerges from that threshold, presenting sapatão feminist teaching as a gesture-movement for the creation of possible worlds. It seeks to engage, through the stories *"The chair always seems smaller when I sit"* and *"The room is never the same"*, with the inventions, tensions, and possibilities of a sapatão feminist teaching. Through threads of bodypoetry, writelife does not describe paths: it is itself path-movement, a method that moves among living narratives, stories, and embodied reflections. In the fragments, scenes emerge in which lesbo-hate, internalized lesbophobia, fear, and attempts at erasure operate as silent pedagogies. In the cracks, resistances are also invented: minimal gestures, refusals, close-presences that unsettle the norm. Thus, sapatão teaching appears as a practice that, by existing, displaces the contours of knowledge and turns the university into a territory of dispute, creation, and continuity.
KEYWORDS: Sapatão teaching. Bodypoetry. Lesbo-hate. University.

* * *

[...] Os dedos de uma escrita desejo
Vai gotejando gozos de organização coletiva,
desestabilizando o medo,
potencializando a coragem.
A boca-língua de movimentos suaves
solta as palavras engasgadas,
cortadas,
engatadas

[3] Conforme as diretrizes da CNPq, informamos que, para a revisão ortográfica e adequação linguística dos resumos em língua inglesa e espanhola, foi utilizada ferramenta de Inteligência Artificial generativa (ChatGPT), exclusivamente para esse fim, permanecendo as autoras integralmente responsáveis pelo conteúdo final do texto.

porque entendeu que coragem é ir com medo.
Seu corpo provoca a potencialidade da fluidez
afinal aprendeu com tantas outras
que é preciso organizar a raiva.
Nas poesias que tatuam seu corpo,
aprendeu a caminhar
juntando raiva, afeto e feminismo.
Quando a perguntam o que ela é
Sorrindo, diz com orgulho:
– SOU SAPATÃO
Liz Mendes.

Movimentosaber de abertura

ELAS, AS AUTORAS, GOSTAM DE PENSAR QUE AS PALAVRAS SÃO O PRÓPRIO RIO NO FINAL DA TARDE: CALMO-INTENSO-CAOS. No meio do calmo-intenso-caos, elas se escorregam, buscando movimentossaberes na criatividade de burlar a própria existência da lesbofobia, do lesbo-ódio e do lesbocídio. Inventam, mesmo com muito medo, palavras-experiências que tecem fios em coletiva. Nunca andam sós, sempre acompanhadas por mulheres vivas, imaginadas, lembradas, mas também por nós: as danças, os sopros, os afetos da natureza.

E eu, rio de entardecer que aqui me faço narradora-rio, me atrevo a guiar vocês, leitoras, em um texto que se faz canta-conto. Vou, assim, oferecendo algumas pistas breves, entradas, aberturas, fissuras em cada novo movimentosaber desta travessia em palavras-imagens. Dito de uma outra forma, para que a travessia siga mais fluida, antes de cada passagem emerge uma narradora-rio. Sou eu, mas também não sou apenas eu. Sou correnteza, margem, água que lembra e inventa, terra, árvores, ventos, pés descalços, sol, lua cheia, forró. Entro no texto, portanto, para brincar, provocar, deslocar, tensionar aquilo que virá. Lembro que o saber encarnado também corre, transborda e sempre inunda.

Em palavras-imagens, digo que este texto surge de uma travessia maior. Ele se inscreve nos fluxos-ventos de uma pesquisa de mestrado profissional realizada em um programa de pós-graduação do interior do Nordeste, cuja insurgência, desobediência e ousadia consistiram em inventar uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista a

partir dos movimentossaberes de estudantes de licenciatura, tecidos nos nós entre academia e movimentos sociais. Naquele percurso, que segue em processo de aprendizagem, os movimentos-desejos eram continuar criando condições para que existências historicamente recusadas pudessem produzir saber desde seus próprios corpos, desejos e experiências.

Aqui, no entanto, o rio-entardecer dobra seu curso-movimento. Se naquela pesquisa a correnteza se espalhava por múltiplos corposmundos lésbicos, neste texto ela se estreita e se intensifica nas travessias das autoras, que já lhes apresento: uma poeta sapatão e sua orientadora-companheira de escritavida. O que move agora é pensar uma docência sapatão a partir das experiências que as constituem, dos traumas que a universidade tentou abrir nelas – e, de certa maneira, conseguiu – e, sobretudo, das invenções que produziram para não desaparecer, silenciar, asfixiar.

Elas, que neste momento estão sentadas no chão-mundo da sala, olhando pela janela de vidro o dia dando espaçotempo à noite, pensam nas palavras de Zuleide Paiva da Silva (2023) sobre professoralidade lésbica como uma ginga contra-hegemônica, como gesto-movimento de existência que tensiona o fazer docente, produz fissuras na neutralidade e reinscreve o desejo, o corpomundo e a diferença no campo educativo-formativo, às vezes começando em gestos-movimentos mínimos, como segurar a mão-corpo de quem amamos no escuro de uma festa e sentir o coração-tambor quase saindo pela boca.

Com Silva (2023) ecoando em seus corposmundos, compreendem que a docência sapatão feminista se constitui como gesto-movimento político, social, estético, epistêmico... uma ética de relação e prática de criação de mundos possíveis em meio às ruínas da norma. Trata-se, quem sabe, de uma docência que, ao existir, desloca, tensiona, rasura e reconfigura os contornos do que a universidade reconhece como saber, corpomundo e presença.

Ainda na janela, vendosentindo o dia ir embora e dando espaçotempo à noite, este texto toma a forma de conto autoficcional, uma história contada a partir de experiências vividas e/ou inventadas (Maria Lizandra Mendes de Sousa; Silva, 2024). Algumas experiências – e, neste caso específico, as experiências sapatão – exigem e reivindicam respirar em narrativas, tropeçar em imagens, escorrer em palavras que dançam-cantam, criar em artes... audaciar em invenções. Assim, a forma de conto autoficcional aqui

refletida revela a rebeldia, atos de resistência de existências negadas, silenciadas, violadas.

A linguagem, por sua vez, escolhe o feminino como gesto-movimento político, ético e epistêmico. Uma forma corajosa de recusar o apagamento-aniquilamento e de firmar compromisso-movimento com as vidas que aqui se anunciam. Nomear no feminino é também reivindicar existência, produzir presença-justiça e desobedecer aos regimes normativos que historicamente decidiram quem poderia ser sujeita do conhecimento.

Os neologismos que atravessam estas páginas não são ornamentos estilísticos, mas dispositivos criativos de pensamento-movimento, rebeldias de ocupar-reivindicar as próprias palavras e, muitas vezes, dar-lhes sentidos outros. Surgem, dessa forma, da necessidade de dizer o que ainda não possuía nome, de tornar pronunciável aquilo que a norma acadêmica frequentemente empurra para o silêncio.

Revista Diversidade e Educação

ILUSTRAÇÃO 1 – Há algo para se buscar?



Fonte: Desenho digital autoral produzido no aplicativo Sketchbook, 2026.

Promessa feita com restos: universidade

DESINTEGRANDO-ME ATÉ DEIXAR DE EXISTIR, é assim que me sinto toda vez que preciso me fazer presente em qualquer espaçotempo. E não foi diferente quando comecei a ocupar a universidade. “Será que realmente ocupo?”. É como se meu corpomundo abrisse em variados buracos extremamente angustiantes, antes de cair no próprio abismo. Sendo cortada em pequenos pedaços, sinto meu coração saindo pela boca, e ali no chão-mundo, exposto pela minha incapacidade de pegá-lo de volta, vai sendo pisoteado por todo mundo. A gravidade, inimiga de quem sente intensamente muito, gargalha da situação. Minhas pernas, por sua vez, ficam dançando um ritmo que treme,

treme, treme... e treme, seguindo a mesma pulsação do meu estômago que leva o seu suco gástrico para as camadas mais subterrâneas das minhas memórias.

Meu corpomundo já não é mais meu corpo – às vezes me pergunto se algum dia de fato ele já foi meu. Sinto tudo ao mesmo tempo: os cheiros pavorosos que se movimentam pelos olhares de nojo; vejo as diferentes cenas que saem das mais variadas expressões corporais em forma de repugnação; os sabores perversos que entram pelas narinas, nas ameaças ditas sem o medo de retaliação. Sinto-vejo-ouço a vida se dissipando, correndo apavorada do meu corpomundo. De repente, por não ter pegado o paraquedas de voos terrestres, o corpo se quebra e, assim, como cena de um crime hediondo, milhares de fragmentos corporais são lançados, sem nenhuma corrida, cuidado e afeto, em lugares onde nunca quiseram estar.

Com o tempo, meu corpomundo acabou criando uma amizade de e com sofrimento, e assim o medo tornou-se uma presença assídua. Acostumei-me a não falar nada para ele; apenas de forma passiva, ouvia suas palestras intermináveis. Ele, o medo, falava como quem sabe demais sobre mim, como se tivesse nascido colado ao meu corpo. Como se fosse eu. Ele enumerava minhas falhas com precisão cirúrgica, apontava minhas ausências, denunciava cada tentativa frustrada de existir sem pedir desculpas. E eu, imóvel, permitia. Não sabia onde estava meu corpomundo.

Em certos dias, o medo se sentava ao meu lado nas salas da universidade, ocupando mais espaçotempo do que eu. Vestia-se de normalidade, misturava-se aos corredores, às carteiras, aos silêncios educados. Sussurrava que eu estava fora de lugar, que meu corpomundo era erro de cálculo, que minha presença era um ruído indesejado naquele espaçotempo que nunca foi pensado para mim. O medo me ensinou a diminuir gestos, a encolher pensamentos, a tornar-me quase transparente, uma tentativa desesperada de não ser mais o alvo. Mas como não ser alvo, sendo sapatão?

Há algo de perverso naquilo que tentamos, quase como súplica, imobilizar – ou será que a perversidade é o que fazem com nossa inteireza? Foi assim que ouvi pela primeira vez na universidade, na voz de outras pessoas, a pedagogia produzida e ensinada pelo medo “Essa universidade está podre. Aceitam qualquer pessoa. Olha aí, uma sapatão!”, “Nossa! Jurei que era um menino”, “Nunca vou me acostumar com esse ser”, “Acho que ela quer ser homem”, “Ela não deveria usar esse banheiro já que é assim”, “Como ela ousa fazer Pedagogia?”

Depois disso, passei a caminhar pela universidade como quem atravessa um vulcão em erupção. Cada porta carregava a possibilidade de um novo estilhaço, cada corredor era contaminado por ameaças físicas e emocionais.

Aprendi a reconhecer o som dos passos que desaceleravam quando eu entrava, o silêncio súbito que se instaurava como um aviso. Era ali que o medo reaparecia, como uma presença concreta, sentando-se ao meu lado, ajeitando a mochila, respirando no mesmo ritmo que eu. E ali, descobri que a violência também sabe ser elegante. Ela se veste de comentários acadêmicos, de risada entre colegas, de dúvida teórica, epistemológica, metodológica. "O que você faz não é produção de conhecimento"; "Subjetivo demais", "Para que usar essa palavra sapatão?". Sempre olhava para as minhas mãos, procurando nelas algum sinal de fraude. Passei anos tentando provar algo que nunca deveria ter sido colocado em questão: que eu pensava.

Com o tempo, comecei a colecionar esses episódios como quem junta pedaços de um corpo que insiste em não desaparecer. Não para me reconstruir, mas para lembrar que aquilo aconteceu, que não foi exagero e nem imaginação. Em certos dias, ao atravessar o campus, eu me perguntava se entendiam que cada palavra lançada era uma forma de empurrar alguém para fora do mundo. São nesses fragmentos corporais jogados em lugares indesejados que algo sempre se organiza: o excesso da violência ganha língua, aprende a se pronunciar, rastejando seu líquido áspero e odioso em cada minúscula abertura. E, quando me dou conta, o que antes era apenas sensação difusa passa a me atravessar como sentença. Estava no tribunal dos mortos para ser condenada à morte!

Mas aí eu fiz uma promessa. Houve um dia em que me chamaram de "isso", seguido de "Esse troço é tão nojento", em voz baixa, mas suficientemente alta para que eu ouvisse. Saí do banheiro sem terminar o que tinha ido fazer. Do lado de fora da universidade, o sol batia forte demais para quem tinha acabado de ser desumanizada. Meus pés freneticamente me levaram até o último corredor, e lá me desabei no canto. Fiquei ali com o corpo atrasado em relação a mim, como se cada parte chegasse em um espaçotempo diferente. Sentei-me. Peguei o caderno, anotei a seguinte frase: "Posso eu ser alguma coisa?". Continuei perdendo, cada vez mais, o ar. Ninguém percebeu que eu tinha acabado de me quebrar.

Há algo curioso na convivência prolongada com o medo: ele cansa, repete-se, torna-se previsível. E, em meio às suas falas circulares, comecei a perceber pequenas rachaduras em seu discurso. Entre uma ameaça e outra, surgiam pausas, onde algo em

mim respirava. Nessas brechas, um incômodo novo se formava: uma recusa silenciosa de continuar sendo apenas território de invasão. Talvez ali, entre os escombros do corpo fragmentado, estivesse começando não uma reconstrução, mas o direito de nomear a violência que tentou me calar.

E foi aí que fechei os olhos e prometi: “nunca deixarei de sentir orgulho de ser poeta sapatão”.

Uma pausa para a narradora-rio entrar.

Elas jogam no chão-mundo da sala, escrevem em fios que saem dos corposmundos, e, sem saber que construíam um texto, faziam surgir a pergunta que agora pulsa: como os encontros entre experiência, arte, lesbofeminismos e docência tecem possibilidades para pensar uma docência sapatão na universidade?

Do sangue que escorre em suas veias, surge este movimento: conversar, a partir dos contos “A cadeira sempre parece menor quando me sento” e “A sala nunca é a mesma”, sobre as invenções, tensões e possibilidades de uma docência sapatão feminista, tomando a universidade e o chão-mundo da casa como territórios de criação de mundos possíveis.

Após este breve apresentar-se, virão a tessitura metodológica do corpopoesia sapatão; depois, as travessias narrativas dos contos; em seguida, as reflexões que deles emergem; e, por fim, os movimentos que permanecem dançando mesmo depois que a escrita parece terminar.

Elas, ainda embriagadas com a chegada da noite e seus ventos, continuam sendo atravessadas pelas inconstâncias da vida. E é nessa inconstância que escrevem, pensam, criam e seguem. Desejam, então, a continuidade de uma boa leitura-travessia. Talvez, em algumas páginas, você sinta o giro; em outras, o tropeço; em outras, o riso inesperado de quem descobre que a dança nunca foi sobre saber – foi, desde sempre, sobre se permitir inventar.

ILUSTRAÇÃO 2 – Corpomundo sapatão, segue?



Fonte: Desenho digital autoral produzido no aplicativo Sketchbook, 2026.

Corpopoesia sapatão: dispositivo metodológico

OLHA EU DE NOVO AQUI, A NARRADORA-RIO. Já são 17h30, e o sol, ao pousar sobre minhas águas, espalha reflexos que parecem palavras-experiências ainda não escritas. Fico pensando nos caminhos que o vento faz para balançar as certezas, assim como os movimentos que os raios solares realizam para me encontrar. Penso, então, que há caminhos que surgem quando os pés descalços tocam o chão-mundo, andando e correndo pelos cantos da vida, quando o corpomundo aprende antes mesmo de saber nomear o que aprendeu, quando os olhos se fecham para sentir a vida atravessando o espaçotempo, quando em coletiva se dançam em luta-resistência. O conto que vem a

seguir, leitoras, fala justamente disso: de um caminho que não surgiu no instante em que ganhou conceito, mas muito antes, nas conversas com o vento, no chão compartilhado com a vida, nas primeiras lições sobre liberdade. Afinal, existem movimentossaberes que primeiro se vivem-sentem, depois se escrevem-voam.

...

EU DIGO CORPOPOESIA E ELE SE ABRE.

Abre.

Abre.

Abre.

Escancara.

Há vários rasgos em que a linguagem tenta entrar e rachar o estático, criando brechas. Ela entra mal, sempre entrou. Isso não vai mudar, porque faz parte da própria ousadia. A universidade chama isso de excesso. E é! Mas também é caminhos, mesmo não sabendo o que fazer e como lidar com os movimentossaberes.

Audre Lorde (2019) aparece como músculo, deita-se na mesma rede que estou escanchada balançando de lá para cá. Sinto o músculo quente, em contração. Um músculo vivo, em poesia-coragem. Na ponta da sua língua, escorrem palavras-experiências que dizem que o erótico não é prazer, é força, fonte de poder, força-necessidade vital. Poéticaerótica é, então, esse gesto-movimento de criação que brota dessa força-necessidade, deixando se atravessar pelo desejo, pelo corpomundo, pela memória e pela imaginação. Assim, poéticaerótica pulsa, sua, treme, inventa mundos possíveis ao mesmo tempo em que reinventa quem escreve. Sua voz pulsa no tecido grosso da rede e vai parar direito em minha boca entreaberta.

"Não posso me esconder atrás do corpomundo", digo isso quase aos berros. É preciso exibir a articulação, não dissolvê-la. O osso range, grita, esperneia. Há dor, muita dor, mas há também estrutura. Sem isso, o corpomundo colapsa. Entre músculo e osso, uma fissura que se move e, ao longe, me assusta, me assombra.

É ali que entra a outra: Ochy Curiel (2020). Na mesma rede, ela se aconchega. Fala que corposmundos não são naturais, são (re)produzidos. Que este corpomundo que escreve foi marcado antes de desejar, que método também coloniza quando finge neutralidade-distância. Ela aponta as cicatrizes, as marcas. Diz: aqui, aqui, aqui. Cada uma tem um preço político, social, epistêmico, estético. O texto sangra um pouco, o suficiente para pintar as paredes brancas da sala – que sala?

Então Natália Borges Polesso (2018) atravessa como nervo exposto, quebrado. Uma descarga curta: duas mulheres, uma rua, à noite, o medo, o toque suspenso. Tudo turvo, muito turvo! Diz que o corpomundo sapatão ensinaaprende a existir em estado de alerta e que isso também é conhecimento. O nervo queima, dobra, quebra... fica em estilhaços. A escrita treme, borra, sente. Não há conciliação, há corpomundo em funcionamento.

Audre Lorde (2019) diz: sem erotismo, não há método. Ochy Curiel (2020) rebate dizendo que sem análise estrutural, vira moral branca. Natália Borges Polesso não responde. O silêncio dela é uma lâmina. Eu estou no meio, como campo de batalha.

Meu corpomundo é composição provisória. Um método feito de partes que não se encaixam perfeitamente. Não consigo encaixar nada – e eu quero? O erro não é falha: é articulação visível, exposta, necessária. Cada fricção produz sentido, cada dor desloca os sentidos e significados.

Escrevo com o abdômen contraído, com a mão cansada, com a memória invadindo sem ordem, sem contornos. Este texto não descreve o método; ele é o método. Há carne escrevendo carne, mas também há experiência mastigada, cuspida, atravessada, retomada. Há posição-presença assumida até o osso dilacerado.

O corpomundo não fecha; o corpomundo insiste entreaberto, aberto, escancarado. Elas – autoras e as palavras-experiências – não me protegem. Nunca prometeram proteção. Entendo, então, que o método não serve para garantir segurança. Serve para sustentar a exposição sem anulação, para impedir que o corpomundo seja traduzido até desaparecer.

Pego tudo isso, pego-atravesso: a escritavida que deixou de ser registro para tornar-se experiência, a poéticaerótica como força criadora e tecnologia política do desejo, e a relação como condição mesma do conhecer-pensar. Pego as palavras-experiências que me acontecem, os afetos que me deslocam, os encontros-assombros que me transformam, as memórias que se reinventam. É com esses fios que caminho e reflito, compreendendo que entre corposmundos, vozes, histórias e chão-mundos que, ao se encontrarem, inventam novas possibilidades de existência. Pensar, nessa perspectiva, é um movimento bonito de ver-ouvir-sentir. Afinal, gosto dos movimentossaberes que surgem no entre-lugar da vida, do chão-mundo.

Caminhando por esses rastros vividos, por esses fragmentos vivos, reconhecemos o caminho e ousamos transformá-lo em movimentos de reflexão. Assim, entendemos que

a docência, a pesquisa e a própria existência se tecem por encontros. É nos encontros, no exercício atento de sentir o que pulsa, escapa, insiste e se deixa atravessar que a docência sapatão feminista se torna presença-viva, desejo que continua inventando a si mesma. Corpopoesia também é isso: o corpomundo escrevendo enquanto é observado. Quando a porta se abre, não saímos inteiras. Saímos funcionando. O texto fica, o corpomundo continua. O método permanece em estado de alerta, assombro e possível.

Uma pausa!

Sou a narradora-rio, lembra? Volto agora com as águas um pouco mais agitadas. Acompanhamos um pouco o movimentosaber do caminho metodológico: a escrita aprendendo a respirar com o corpomundo e o desejo transformar-se em tecnologia de criação. As próximas águas guardam duas travessias. Em "A cadeira sempre parece menor quando me sento" e "A sala nunca é a mesma", Liz Mendes não apenas escreve sobre si: ela se arrisca inteira na escritavida.

ILUSTRAÇÃO 3 – S.A.P.A.T.Ã.O, espremida



Fonte: Desenho digital autoral produzido no aplicativo Sketchbook, 2026.

A cadeira sempre parece menor quando me sento

A CADEIRA SEMPRE PARECE MENOR QUANDO ME SENTO. Não porque não caiba, mas porque o corpomundo, com suas memórias-travessias, ensinaaprende a não se espalhar, a não se derreter. Ombros fechados, pernas firmes no chão-mundo, mãos-movimentos apoiadas nas coxas. Camisa florida larga, calça social preta, sandália também preta. Cabelo curto, sem concessões, raspado no dois. Sim, gosto do vento-dança que escorre pela cabeça com o cabelo raspado no dois. Repita: "Raspado no dois". O pequeno espelho que tenho em casa me avisou: "hoje também não vão esquecer que você existe, visse".

A sala de aula da pós-graduação é clara-limpa demais. Luz branca, cadeiras em círculos – um falso fingimento para conversas-movimentos horizontalizados? Tudo ali parece pedir, quase como urgência, neutralidade. Não posso esquecer: neutralidade é um nome elegante para silêncio e apagamento.

Cheguei na sala de aula e encontrei uma colega. Também lésbica. Conversávamos como quem reconhece no corpomundo da outra um território possível de descanso, de luta... de invenção de outros possíveis. Falávamos de coisas pequenas: o texto da semana, o cansaço acumulado, o rolê que poderíamos ir, a expectativa da intervenção. Entretanto, havia ali um acordo silencioso, mas tão perceptível ao nosso corpomundo marcado pela vida: estávamos inteiras demais para aquele espaçotempo.

O professor entrou sorrindo:

— Bom dia, menina, disse ele.

Virou-se para mim, e disse:

— Bom dia, menino.

Meu corpo reagiu antes da palavra-engasgo.

— MeninA.

Ele respondeu rápido, como quem tenta desesperadamente varrer um erro do chão-mundo.

— Oh, desculpas. Você estava de costa…

De costa! Como se o meu corpomundo só existisse de frente. Basta um "ângulo errado" para errar quem eu sou? Engoli seco. Ainda não era tudo. Ainda dava para respirar. Aqui não, pensei. Aqui não, repeti. Não performar feminilidade do modo

esperado faz com que eu carregue uma pergunta-experiência silenciosa-gritante que me acompanha desde muito antes da pós-graduação: o que você é, afinal?

Saímos da sala para a atividade interventiva. Do lado de fora, montamos o varal. Imagens de pessoas negras violentadas balançavam com o vento. Nossos corposmundos atravessados por frases violentas que já nos disseram. Autoras negras nos olhando de volta, sustentando o olhar-mundo que a academia tantas vezes recusa, silencia, nega, apaga, aniquila. Na televisão, um audiovisual que começava com nossos corposmundos em movimentossaberes articulados a uma poesia autoral minha. Após, um compilado de vídeos de corposmundos LGBTQIAPN+ se beijando. Era um circuito de afetos e feridas abertas!

A atividade interventiva começa e recomeça, sempre em movimentosaber. Imagens, palavras-experiências, afetos. Beijos entre mulheres, corpos dissidentes, línguas que se encontram sem pedir autorização para existir. Percebo desconforto antes que alguém nomeie. Um pigarro, riso curto. Olhos que desviam, outros que fixam demais. Corpos que se viram, de um lado para o outro. O vídeo termina, mas o incômodo permanece vibrando no ar, como um zumbido baixo, porém dilacerante.

Alguns corpos se ajeitaram no próprio movimento de estar em pé. Outros riram baixo, como quem se protege. Pergunto: “Proteger de quê mesmo?”. Sinto o coração acelerar antes mesmo de entender por quê. Reconhecia aquele silêncio: não era atenção, era defesa, preservação de suas normas-regras, dos jeitos únicos de ser-existir-sentir. O tipo de silêncio que antecede a necessidade de explicar demais.

O professor cruzou os braços. Observava como quem avalia um experimento. Não interrompeu. Esperou o final.

— Interessante — disse, por fim. — Provocativo.

Provocativo, muitas vezes, é uma palavra elástica. Cabe quase tudo dentro dela, inclusive a violência.

Ele começou devagar, com voz mansa, didática. Falou de desconstrução, de liberdade de expressão, de como a universidade precisava ser um espaço aberto ao debate. Eu respirei fundo. Conhecia aquele caminho, sabia onde terminava.

Foi caminhando em direção às nossas imagens com as frases violentas e disse:

– Imagino que você deve ouvir muito essa frase!

(Frase: “Eu vou fazer você virar mulher”)

– Sim. Ouço. E junto a ela, ouço essa outra frase.

(Frase: “Eu ainda vou te matar”).

Sem pausa para reflexões, risos sendo intensificados. Dentro de mim: Cadê o ar? Agora não! Agora não! Agora não! Fique firme, fique rente. Coração acelera. Para de acelerar. Aqui não. Aqui não. Aqui não. Respira. Na continuidade de risos, o professor disse:

— Estava em um bar (risos) e lá tinha um casal lésbico. Para meu padrão de beleza, mulheres lindas. Paquerei uma delas (risos). Quando uma se ausentou, continuei a paquera (risos) e falei que ela era assim porque não tinha me experimentado (risos).

Dentro de mim: “Eu ainda vou te matar. Vou fazer você virar mulher. Esse troço é nojento”. Assombros!

Não consegui dizer nada para ele. As palavras ficaram presas na garganta, um nó absurdo. Um nó que fazia sair lágrimas dos meus olhos, meu coração-tambor perder a noção de suas batidas. E o ar? Esse eu nem sei para onde foi parar. Fui ao banheiro. Água fria no rosto. Coração acelerado demais. Corpomundo revirando. Aqui não. Voltei.

Voltamos para a sala de aula.

O caos veio em tom calmo. O professor falava de biologia, de macho e fêmea, de papéis sociais. Disse que em relações lésbicas uma faz o papel de homem – a mais masculina. Eu sou uma sapatão que recusa a feminilidade obrigatória. Falou de marginalidade, de juventude perdida, de escolha. Disse que pessoas bissexuais ainda estão se descobrindo.

Meu corpomundo fechava os olhos. Tampava os ouvidos. Esquecia os sentidos. Repetições que não são impulso de nenhuma ação, mas de sobrevivência. Aqui não. Aqui não. Aqui não. A respiração ficou curta. As frases ecoavam repetidamente. O coração disparado. Levantei-me de novo. Banheiro. Choro agora. Sem controle. O corpomundo dobrado sobre si mesmo, tropeçando nas pedras de opressão histórica. Não consegui ficar. Voltei só para pegar a mochila.

Saí. Ajustei a mochila nos ombros e segui pelo corredor. O chão-mundo é o mesmo. As paredes também. Mas algo nela se deslocou. Não é cura, tentativa de superação, é recusa. Recusei ficar no mesmo espaçotempo que ele (o professor), e de todas que acordaram com ele. Recusar, às vezes, basta para continuar vivendo.

Não lembro do caminho até casa. As ruas passaram borradas. O corpomundo caminhou sem mim. Só sei que cheguei e deixei o corpomundo cair, finalmente.

Não foi exagero, nem mal-entendido. Foi método, aula, currículo. Ao negar-se a versentir as diferenças, aquele espaçotempo, aquele professor reafirmaram suas normatividades, fechou-se para a outridade e chamou isso de debate.

Apesar do corpomundo rasgado, sigo riscando, rachando... contaminando os espaçostempos da universidade. O problema nunca foi o meu corpomundo. O problema é a urgência que eles têm de enquadrá-lo, explicá-lo, corrigi-lo.

ILUSTRAÇÃO 4 – Sapatão produz conhecimento?



Fonte: Desenho digital autoral produzido no aplicativo Sketchbook, 2026.

A sala nunca é a mesma

A SALA DA PÓS-GRADUAÇÃO NUNCA É A MESMA, MAS É SEMPRE AQUELA. Poucas cadeiras, luz escura. As pessoas chegam sem rosto definido, como se fossem feitas de restos de outros encontros, outros movimentos... outras presenças. Sabem quando falar, quando esperar, quando calar. Entro na sala sempre trêmula, sem vontade, como se carregasse no corpomundo uma tristeza dilacerante.

Era início do segundo semestre. Espaçotempo que promete continuidade, mas carrega a ameaça do corte. A proposta era simples: falar da experiência no mestrado, no grupo de pesquisa, na orientação e nas publicações.

Tudo fica parado, estático. Volta. Duas vozes falaram da falta. Falta de orientação, falta de presença, falta de resposta. A palavra *falta* ecoou como se fosse consenso, uma verdade única. Era impossível habitar o mesmo espaçotempo e viver outra coisa. Senti um desconforto profundo!

Chegou minha vez de falar. Comecei pelo cuidado. Perguntei, talvez alto demais, talvez cedo demais, talvez com a urgência de deslocamentos, o que é, afinal, ter orientação. Falei que minha orientadora estava de licença-prêmio, mas também falei dos encontros, apesar da licença prêmio. Falei do coletivo, da leitura partilhada, dos textos atravessados por comentários, das apresentações acompanhadas. Falei de uma presença que se faz por implicação.

Tudo fica estático de novo. Interrupção!

— Foque na sua experiência.

Minha experiência, então, não era aquela? Senti o corpomundo pedindo "Rearranje-se para continuar existindo nesta cadeira". Ombros, coluna, respiração, tudo precisou reaprender a ficar. Ninguém disse nada.

Então falei que apesar do lesbo-ódio sofrido há um mês atrás, as minhas experiências estavam sendo intensas, das desestabilizações das minhas próprias certezas – ensinaraprender é um estado de desmonte. Falei do cuidado recebido, do afeto ético, da escuta responsável que estava tendo cotidianamente nos processos de orientação. Falei do grupo de pesquisa como espaçotempo necessário que vem me ensinandoapredendo a caminhar caminhando. Falei das publicações que já existiam, mesmo no começo, como prova, talvez, de que algo estava sendo feito – legitimar a experiência?

Terminei, com o coração-tambor na garganta.

A professora disse que estava preocupada comigo. [Preocupação é uma palavra perigosa quando vem de cima? Ela se veste de zelo, mas carrega julgamento nos bolsos?]. Disse que a preocupação aumentou depois do que viu na comemoração dos dez anos do programa, mas não explicou o que viu. O não-dito se espalhou pela sala como fumaça, e o cheiro das suposições ficou no ar. Fiquei cheirando o ar para compreender os seus incômodos. O que ela viu? Um corpomundo demais? Uma voz demais? Uma presença que não cabia?

Disse que comecei defendendo minha orientadora. [Defender, como se reconhecer uma relação fosse um ato de submissão, como se nomear o cuidado fosse crime acadêmico. Falta de ética?]. Disse que minha orientadora é excelente, por isso está ali. Mas que não querem uma miniatura dela. Não querem uma cópia. Não queremos uma mini Eide.

— Queremos ver a Liz Mendes — ela disse. [Meu nome soou estranho na boca dela, como se não fosse meu ainda].

Disse que eu não tenho autoria.

Meu corpomundo ficou no reboliço só repetindo sem parar: "Autoria, autoria, autoria... Auto.Ria".

Disse que tudo o que já leu meu reproduz a escrita da minha orientadora.

Eu só um mimetismo? Ensinaraprender e escutar é apagar-se? Fiquei repetindo enquanto meu coração-tambor continuava na garganta. Meu corpomundo desorganizou. Sabia que um corpomundo que escreve também sente? Que um corpomundo que pesquisa também treme? Procurei algo nos rostos ao redor, um aceno, uma discordância, qualquer rachadura no silêncio. Nada!

Queria ter conseguido dizer que há intensidade de ensinaraprender enquanto certezas desmoronam, que escrevo acompanhada e não sozinha, que há outros corposmundos atravessando a minha escrita, até a própria natureza. Mas as palavras-experiências não saíam. Senti que algo saiu do lugar. Meu corpomundo estava errando a própria forma. Endireito-me como quem pede desculpa por existir demais. O silêncio-medo se estica, confortável, como se estivesse certo.

Saí da sala carregando perguntas: o que é ter autoria quando o conhecimento sempre nos atravessa antes de nos pertencer? Há pertencimento na produção do conhecimento? Do que o conhecimento é feito? Eu não tenho nada de autoria?

Acordo sempre aqui, assustada. Com o corpomundo suado, o coração-tambor querendo pular para fora, engasgada com a sensação de que algo me foi arrancado antes mesmo de ser completamente meu. Levanto da rede e vou beber uma água fria. Preciso esfriar o que me apavora. Volto a dormir e o sonho retorna, insistente, repetido, intacto. A mesma sala que nunca é a mesma, a mesma interrupção, a mesma palavra-experiência lançada como sentença. E eu, sempre ali, tentando acordar dentro do sonho.

Atravessar rios: por uma docência sapatão

OLHA EU AQUI OUTRA VEZ. Sim, a narradora-rio. Mas, desta vez, vou me atrever a entrar bem inteira no conto.

Elas, as autoras deste texto, estão sentadas no chão-mundo. Pernas cruzadas, cadernos abertos, olhos arregalados, coração-tambor em ritmo eufórico, águas salgadas escorrendo por todo o corpomundo, mãos ainda trêmulas depois de atravessarem as memórias. Ao redor delas, as páginas dos contos respiram como se tivessem pulmões. E então acontece-estremece: das veias, dos poros, das cicatrizes e dos desejos, algumas mulheres começam a emergir.

Primeiro, Audre Lorde (2019) sai por suas colunas, como se sempre tivesse morado ali. Monique Wittig (2022) escorre por suas clavículas, afiada como quem sabe o peso das palavras-experiências. Ochy Curiel (2013) brota de suas mãos, carregando consigo a recusa de qualquer domesticação colonial. Silva (2023) surge de seus peitos, fazendo morada exatamente onde a coragem costuma tremer. Todas estão no chão-mundo. Eu, narradora-rio, contorno todas, escorregando entre elas. E entre medos e águas, começamos a conversar. Estão ouvindo os corposvozes?

As plantas perto da janela ousam dizer para todas que a universidade, tantas vezes, se apresenta, toda orgulhosa e dona de si, como promessa de acolhimento, democrática, plural. Mas promessas institucionais e estruturais costumam ser realizadas com paredes grossas e cadeiras estreitas. As presenças sapatão, ao entrarem, desarrumam a arquitetura simbólica do espaço-lugar, uma vez que revelam aquilo que a norma sempre tentou esconder: a universidade foi imaginada para alguns corpos, e não para todos.

Antes delas iniciarem a conversa, o chão-mundo se estremeceu e tomou posição dizendo também que as cadeiras sempre parecem menores quando elas, corpos sapatão, se sentam. É um projeto de exclusão. Quem foi imaginada para ocupar essas cadeiras? Certamente não os corposmundos que recusam a feminilidade compulsória, que amam mulheres, que escrevem a partir das próprias feridas-assombros e que insistem em transformar desejo em saber.

Em um piscar de olhos, Monique Wittig (2022) inclina-se e diz que a heterossexualidade é um regime político. E regimes sempre produzem e reproduzem inadequações calculadas e projetadas. Por isso, alguns corposmundos aprendem cedo demais a se encolher: ombros fechados, vozes controladas, gestos medidos, respirações

curtas, olhos baixos, mãos quietas, pés cobertos. Quais corposmundos ainda precisam se encolher para permanecer? Monique Wittig solta o questionamento olhando profundamente nos olhos de cada uma.

A pergunta-experiência ecoa pela memória e vai para os corredores, para as bancas de avaliação, para os grupos de pesquisa, para os supermercados, para as ruas, para as salas, para a vida vivida cotidianamente onde a neutralidade costuma servir de disfarce para a manutenção da norma.

Em um movimentosaber firme-rente, Audre Lorde (2019) toca o chão-mundo com as pontas dos dedos e diz: Se converso a partir do lugar que habito, mulher, negra, lésbica, não posso olhar cenas de lesbo-ódio e de lesbofobia internalizada como um simples incidente, mas como mais uma repetição de uma ordem que teme aquilo que não consegue controlar. Por traz dessas violências se vê o uso do poder para distorcer o desejo, para nomear o amor entre mulheres como falta, como erro, como algo a ser corrigido. Isso não é ignorância inocente; é estratégia, um projeto. Ensinaram-nos a duvidar de nossas próprias verdades, a engolir palavras-experiências até que o silêncio pareça proteção. Mas o silêncio nunca nos protegeu e nunca vai nos proteger. Ele apenas alimenta aqueles que desejam que continuemos fragmentadas, afastadas de nossa própria força.

Quando o corpo treme, quando a voz falha, não é fraqueza, é o registro de uma violência antiga, repetida até parecer natural. Há nessas violências uma centelha que resiste: a recusa em aceitar aquela definição estreita de existência. O erótico, essa fonte profunda de conhecimento e poder, é exatamente o que esse tipo de violência tenta destruir. Mas é também de onde podemos reconstruir a nós mesmas, falando, nomeando, recusando. Porque cada vez que uma de nós escolhe não se apagar, mesmo entre escombros, abre-se uma fissura no sistema que insiste em nos negar.

Será que a docência sapatão nasce justamente aí: na recusa de encolher? Elas não pedem cadeiras maiores por gentileza institucional-estrutural. Alargam as cadeiras com suas próprias presenças-rentes, até que outras também possam sentar-se sem precisar amputar partes de si.

Silva (2023) sorri e diz que professoralidade lésbica, entendida como gesto político, ético e epistemológico, não pode existir plenamente sem o enfrentamento direto ao lesbo-ódio e a lesbofobia internalizada, porque é justamente esse sistema de violência que tenta silenciar, apagar e deslegitimar os corpos e saberes que ela afirma.

Quando reflito sobre professoralidade lésbica, me situando como lésbica feminista branca antirracista, digo de um movimentosaber que não aceita a docência como lugar neutro. Ela se insurge, sim, contra a heterossexualidade obrigatória, e faço isso em diálogo com tantas que vieram antes, como Adrienne Rich (2021) e Monique Wittig (2022), porque sei que a neutralidade, tantas vezes celebrada, é apenas outra forma de exclusão. Politicamente, é um posicionamento; eticamente, é um compromisso radical com a vida, com a dignidade de existências que historicamente foram empurradas para as margens; e epistemologicamente, é uma ruptura com os regimes de verdade que insistem em nos nomear como erro, desvio ou ausência.

Por isso, enfrentar o lesbo-ódio e a lesbofobia que também nos atravessam não é algo secundário, é constitutivo do que faço quando ensino, quando escrevo, quando existo na docência. É no gesto de nomear, denunciar e interromper essas violências que essa professoralidade se torna viva, encarnada, produzindo um conhecimento que não se pretende universal, mas situado, comprometido, implicado. É assim que abrimos fissuras nos currículos, que desestabilizamos o que parecia dado, e que criamos brechas para outros modos de ser, ensinar e aprender.

Não há, para mim, docência crítica sem esse enfrentamento. Porque enquanto houver estruturas que insistem em negar a legitimidade dos corposmundos lésbicos sapatão, ensinar será também um ato de recusa. E é nessa recusa ao apagamento que a educação pode, enfim, tornar-se espaçotempo de transformação, não como promessa abstrata, mas como prática que se faz no corpomundo, na palavra-experiência e na luta cotidiana.

A sala nunca é a mesma porque são muitas as salas que corpos sapatão atravessam e, muitas vezes, acometidos por violências. Podem até mudar a cor, o formato, as cadeiras, os aparelhos tecnológicos, mas sempre haverá lesbo-ódio e lesbofobia internalizada. Professoras sapatão em formação e em exercício entram, e junto com elas entram memórias, histórias, desejos, violências sobrevividas, modos outros de ensinaraprender e relacionar-se. Há, dessa forma, um questionamento que beira no ar: o que muda quando professoras sapatão entram em sala?

O vento chega devagarinho e com ele Audre Lorde (2019) nos lembra que a transformação do silêncio em linguagem e ação é um gesto-movimento vital. E professoras sapatão sabem, talvez como poucas, o custo e a potência desse gesto-movimento. A sala de aula, assim, pode se tornar território vivo-mutável-relacional.

Ochy Curiel (2013) entra na conversa com voz firme: Se digo desde o lugar que construo, feminista, lésbica, racializada, decolonial, é para afirmar que o lesbo-ódio, assim como aquilo que vocês nomeiam de lesbofobia internalizada, não pode ser reduzido a um problema entre indivíduos. Trata-se de uma engrenagem histórica, profundamente articulada à colonialidade do poder, que instituiu a heterossexualidade como norma e como tecnologia de controle dos corposmundos. Não é casual que essa norma recaia com mais força sobre corpos dissidentes, racializados, feminilizados – são eles que o sistema precisa disciplinar, hierarquizar, tornar violáveis ou descartáveis.

Por isso, quando enfrentamos essa violência, não estamos apenas reagindo a um insulto ou a uma exclusão pontual; estamos desestabilizando um regime de saber que se apresenta como natural, universal, neutro. E a universidade, longe de estar fora disso, é um dos espaçostempos onde essa ficção de neutralidade se sustenta. É preciso rompê-la. Produzir conhecimento a partir dos corpos e das experiências historicamente subalternizadas não é uma concessão, é uma urgência política. Reivindicar a existência sapatão na docência, então, não é apenas ocupar um lugar: é desmantelar as estruturas coloniais de saber-poder que nos negaram e, ao mesmo tempo, abrir caminho para outras formas de viver, de se relacionar e de pensar o mundo.

Que mundos se tornam possíveis quando a docência sapatão escolhe fissurar?

Eu, narradora-rio, observo inquieta e vou percebendo que atravessar rios é ensinaraprender a carregar água-vento-movimento no próprio corpomundo.

A docência parecia algo bonito, mas era como uma paisagem distante: eu via, admirava, mas não conseguia entrar. Como se o direito de ensinar fosse só das que cabem, das que performam delicadeza, das que não fazem barulho. Eu, com meu corpo estranho, meu corte de cabelo curto, minhas roupas largas e meu jeito “masculino”, não era vista como professora em potência. Eu era vista como risco. A cada vez que dizia que estava em formação docente, sentia que o mundo respondia com silêncio, desconfiança ou desdém.

Foi nesse silêncio que comecei a acreditar que talvez não desse. Que talvez ensinar não fosse para mim. Que talvez minha existência fosse incompatível com o ofício de educar. E ainda assim, lá estava eu: num curso de licenciatura, sentada entre cadeiras desconfortáveis, com o peito em escombros e o corpo tentando caber num lugar que o rejeitava. Olhava em volta e não via nenhuma sapatão. Ninguém com quem trocar o

cansaço de ser. Ninguém com quem compartilhar a raiva de estar. Ninguém que me dissesse: “você pode”.

Mas comecei a encontrá-las nos livros. Não nos livros da formação formal. Não nas leituras obrigatórias. Encontrei nas brechas. Em autoras que escreviam como quem sangra, como quem se recusa a morrer calada. Gloria Anzaldúa (2000) foi a primeira a me dizer que o desassossego tem valor, que escrever com as tripas também é epistemologia, que o silêncio não protege, apenas adia o colapso. Depois veio Natalia Borges Polesso (2020), com suas narrativas corajosas, me mostrando que até o tropeço pode ser afirmação, que até o vacilo carrega potência. Foi com ela que percebi que meu corpo também podia ser território de poesia, de educação, de resistência.

E então chegou Audre Lorde (2019). E tudo tremeu. Audre Lorde me disse que o medo não cala, que o medo não protege, que o medo só sufoca. Que viver calada não era viver. Que esconder-se é também morrer. E foi assim, entre as palavras dessas mulheres, que eu comecei a respirar de novo. Comecei a pensar que talvez fosse possível ser professora sapatão. Que talvez fosse possível ensinar sem mentir sobre quem sou. Que talvez fosse possível inventar outras formas de estar na escola, na universidade, no mundo.

Mas eu não quero encontrar sapatão só nos livros. Quero ver sapatão na docência. No planejamento pedagógico. Na bibliografia. Na equipe gestora. Na sala das professoras. Quero ver sapatão ensinando história, matemática, ciências, poesia. Quero ver sapatão dizendo “bom dia, turma” com a cabeça erguida. Quero ver sapatão ocupando a docência sem precisar pedir desculpas por existir.

Tenho buscado, junto a outras que também sangram e escrevem, inventar mais epistemologias nossas. Uma educação que não silencie, que não controle, que não aprisione. Utopia? Sonhos grandes!

Cadê vocês?

Quero ver sapatão na docência, na escola, na universidade, nos livros... Na vida.

Sapatão, presente.

Alguns movimentossaberes de retomada...

A NOITE CHEGOU, E COM ELA O VENTO FRIO. Já não é mais ela que volta sozinha, mas elas. Vão para casa juntas, depois da “A cadeira sempre parece menor

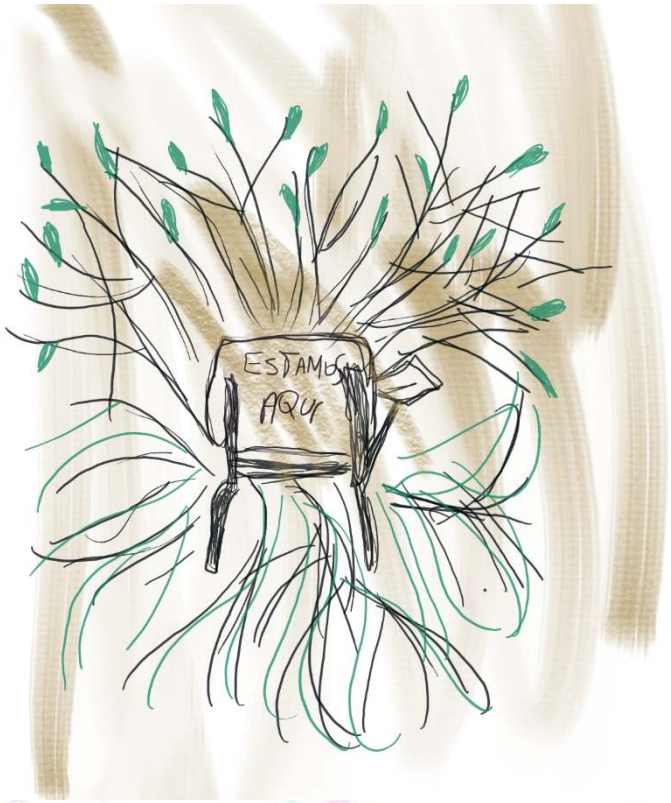
quando me sento" e da "A sala nunca é a mesma". Sentam-se no chão-mundo da casa. A mesma casa que acolhe os pedaços que a universidade, tantas vezes, tentou aniquilar-silenciar.

A cadeira, a sala, a universidade se enlaçam e se atravessam. Elas continuam percebendo e reivindicando que a docência é travessia. Se, porventura, a cadeira parece menor, ensinamosaprendemos a alargá-la. E se a sala nunca é a mesma, talvez seja porque nós também não somos e desejamos, mesmo em um sonho ruim de experiências que se repetem, mudar os contornos do espaçotempo.

Uma docência sapatão continua, dança, escorre, canta-conto, derrete, movimenta... inventa outros mundos possíveis. Continua, por exemplo, quando uma estudante encontra, pela primeira vez, uma linguagem-língua capaz de nomeá-la, quando uma professora recusa silenciar diante da violência-exclusão, quando uma sapatão decide permanecer onde disseram que ela não caberia.

Eu, narradora-rio, sei bem. Águas não param e quando dizem parar é porque não olhamos com olhos inquietos para seus próprios movimentossaberes. Águas contornam pedras, atravessam margens, inventam caminhos. Assim também são as docências sapatão. Seguem produzindo novas narrativas, sem esquecer-reconhecer as que abriram os caminhos para os pés descalços se movimentarem com suas danças-sorrisos.

ILUSTRAÇÃO 6 – Estamos aqui



Fonte: Desenho digital autoral produzido no aplicativo Sketchbook, 2026.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. DOI: https://doi.org/10.1590/%25x. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880. Acesso em: 29 abril. 2026.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. *In:* HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais organização e apresentação - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 124-145.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual:** análisis del discurso jurídico y el régimen heterossexual desde la antropologia de la dominación. Brecha lésbica: en la frontera, 2013.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação & Crítica**, n. 20, 2018.

MENDES, Liz. **Corpopoesia: uma epistemologia poéticaerótica sapatão?** Campinas, SP: Pontes Editores, 2025, p. 67-68.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 61, 2020. DOI: 10.1590/2316-4018611. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35241. Acesso em: 10 dez. 2025.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Tradução de Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

SILVA, Zuleide Paiva da. Professoralidade lésbica, uma ginga feminista?! *In:* PINHEIRO, Sirlene Mota; MOURA, Jônata Ferreira de (org.). **Corpos, gêneros e sexualidades nas ciências humanas e sociais**: desafios da atualidade. São Luís: EDUFMA, 2023. p. 66-80.

SILVA, Zuleide Paiva da. **"Sapatão não é bagunça":** estudo das organizações lésbicas da Bahia. 2017. 382 f. Tese (Doutorado) - Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

SOUSA, Maria Lizandra Mendes de; SILVA, Zuleide Paiva da. Entre provocações, desejos do devir: cenas autoficcionais atiçadas em um corpo sapatão poeta feminista. *In:* BRITO DE SÁ, Maria Roseli Gomes; CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza (coord.). **Anais** do VII Seminário de Formação em Exercício de Professores. Salvador: FACED/UFBA, 2024. p. 1-6.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

Recebido em abril de 2026.

Aprovado em junho de 2026.